

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 49
Data: 23.04.81 Pg.: _____



O dinheiro de Irani (2)

Hiram FIRMINO

Assistindo a grande (e ilusória) festa da solidariedade humana



Chico Buarque: liderando a comoção humana no velho Independência

FOI inesquecível. Quem estava na cidade, disponível para ver um verdadeiro desfile de celebridades, entre atores, cantores e jogadores de futebol, acabou indo ao Estádio Independência. Parecia dia de festa. A avenida Silvano Brandão estava que não cabia mais de tanto carro estacionado. Uma multidão seguia pela avenida agora. A pequena e íngreme rua de acesso ao Estádio parecia um bazar antigo, de tanta gente vendendo bugingangas, souvenirs e guloseimas. Os bares estavam cheios, de uma gente alegre e solidária.

Dentro do Estádio, a festa era total. O velho Independência estava inteiramente tomado por um grande público, principalmente jovens, numa alegria contagiante. Nunca se viu tanta criança também no Estádio.

No vestiário, Reinaldo sorteava os times, com muita dificuldade, porque apareceram mais jogadores e artistas que o previsto. Finalmente, o pessoal entrou em campo, sob os aplausos de 12 mil pessoas, com muitos, invadindo o gramado. Foi a hora dos autógrafos, com bolos de gente, aqui e ali, cercando os ídolos, querendo ver se eram de verdade mesmo. Resultado: o

jogo demorou mais uma meia hora para começar.

O time da Cruz Vermelha ficou à direita da massa, para o lado da Sagrada Família, com Roberto, Sócrates, Jorge Valença, Alexandre, João Nogueira, Fagner, Tunai, Laudir, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso e Marcos Kilzer. O time dos Krenaks ficou à esquerda, chutando na direção do Horto, com Marão, Reinaldo, Osmar, Marcos Vinícius, Marcelo, Fernando Brant, Chico Buarque, Gonzaguinha, Toninho Horta, Lô Borges e Murilo Antunes. O juiz José Avelar de Figueiredo deu início ao jogo. Um jogo que não lhe deu trabalho algum. Não houve nenhuma falta.

Foi uma loucura.

Todo mundo torcendo para os dois times, ao mesmo tempo. Quando Chico Buarque, Fagner, Sócrates ou Reinaldo pegavam na bola, era aquela festa de palmas. A partida começou em grande estilo com uma jogada de Chico, que caiu pela direita e chutou forte para a primeira defesa de Roberto. Mas quem fez o pessoal vibrar foi o cearense Fagner. Aos dez minutos, ele recebeu um passe de Sócrates pela direita, ganhou de um adversário na

corrida e tocou a bola de leve, com bastante sutileza, na saída de Marão. Um gol de placa, que o povo comemorou a seu modo.

Os Krenaks voltaram ao ataque.

Aos 35 minutos do primeiro tempo, Marcelo, do Botafogo, empatou o jogo com um chute indefensável de fora da área. Dada a saída, porém, a Cruz Vermelha desempatou a partida novamente. Sócrates chutou forte. No rebote do goleiro, Fagner entrou, tocou e marcou. O estádio quase veio abaixo de novo.

No intervalo, a festa foi da torcida. Enquanto os jogadores consumiam mais cervejas no vestiário, já entupido de fás, os torcedores se movimentavam nas arquibancadas. O público feminino, principalmente, mudou de lado só para ver o Chico Buarque mais de perto. Foi quando as crianças invadiram o gramado e os policiais começaram a correr atrás, feito barata tonta, insinuando a mão nos cassete-

tes. A criançada dava meia volta e invadia de novo o gramado, num ping-pong que fazia a galera delirar, até que os policiais desistiram. Resolveram deixar as crianças tomar conta do campo e, ainda, morreram de rir.

Para reiniciar o jogo, foi uma outra luta. A Cruz Vermelha voltou com 14 jogadores. Celso Adolfo, Piazza, Toninho, Juarez, Zé Geraldo, Tadeu e Dario entraram como reforço. O Estádio quase veio abaixo novamente com a presença do famoso Peito-de-Aço, no seu velho estilo de encantar a platéia. Já os Krenaks voltaram com 13 jogadores, mas reforçados com Telo, Marcus Túlio, João Carlos, Diavan e Paulo Isidoro. Todos, é claro, sendo observados pelo técnico Telê Santana, que também prestigiava a festa nas arquibancadas.

O show prosseguiu. Aos sete minutos, Celso Adolfo marcou o terceiro gol para a Cruz Vermelha. E aos 15 minutos, numa

jogada que fez lembrar os lançamentos de Odair, Sócrates lançou Dario bem ao seu estilo, pela esquerda, como nos velhos e saudosos tempos do Atlético. Dario saiu meio desengoçado, entrou com bola e tudo no gol. O jogo quase terminou nessa hora.

Aos 20 minutos, numa virada sensacional, Sócrates aumentou o placar, fazendo o quinto gol da Cruz Vermelha. Mas o time dos Krenaks não entregou o jogo: aos 25 minutos, Paulo Isidoro escapou pela direita e cruzou para Chico Buarque que, num passe magistral, deixou Reinaldo cara a cara com o gol. Foi só ele completar a jogada, balançando a rede e levantar a mão em punho, como na Seleção Brasileira, para o jogo terminar de vez. A torcida, que não estava nem aí para o resultado do jogo, invadiu o gramado. O juiz não teve mais como prosseguir a partida. Acabou sumindo no meio da multidão. A festa foi até à noite.

Todos saíram satisfeitos do Estádio. Afinal, as bilheterias haviam registrado uma renda global de Cr\$1.294.300,00. Mais de um milhão de cruzeiros, dos quais 60% ficaria para a Cruz Vermelha, e 40% pros índios Krenaks, ou seja, aos índios caberia uma importância líquida de Cr\$379.105,68.

Reinaldo, por exemplo, era só alegria. Além de ter proporcionado uma festa incomum para a torcida, trazendo os intelectuais para mais perto das causas sociais, ainda marcou o gol maior: ele conseguiu ajudar os doentes e os índios, em particular.

Um engano, porém. A mesma ilusão que envolveria Chico Buarque, todos os artistas e craques que suaram a camisa dando vida ao velho Independência. Tudo por causa de um recurso da Funai, o que será mostrado amanhã.



De pé: Marão, Chico Buarque, Marcelo, Marcos Kilzer, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes, Fagner, Toninho Horta, Jorge Valença e João Nogueira. Agachados: Tunai, Lô Borges, Wagner Tiso, Gonzaguinha, Sócrates, Osmar Guarnelli, Alexandre, Reinaldo, Marcus Vinícius e Zé Geraldo. Um exemplo de consciência social

“Deixem-me aqui”

Nas arquibancadas, durante o jogo, em faixas e cartazes, viram-se vários tipos de apelos em favor dos índios. Assim como o apelo que uma índia Krenak escreveu, às margens do Rio Doce, no início da luta de Irani e seu povo para permanecerem ali.

“Eu sou uma índia Krenak. Sou sua filha, sua irmã, sua pátria. Meus avós estão nessa areia suja, debaixo de mim. Meus avós lá embaixo, na curva do Iatu, depois do Pontal. Meus irmãos estão mais acima, junto às pedras, à corredeira d’água. Eles vivem à noite. São cabeças, pedaços de ossos quando o homem branco cava o chão para fincar moirões, esticar o arame.

Não digo bom-dia, nem boa tarde. Prefiro agradecer à vida, a minha história mais simples, esse dente que dói.

Não quero saber da Funai. Estou resabiada com o Serviço de Proteção aos Índios, ferida pela Polícia Militar. Quero o leite das minhas vacas. A cangica e o feijão que continuam presos com o resto do meu povo, na reserva. Sem eles, prefiro a fome. A morte lenta, lenta e livre.

Escrevo nas porteiras, em todos os curráis. Eu sou como o cavalo, o peixe e as árvores que escaparam à grande mutilação. Tenho pelo e casco, como vocês. E sangro, sou um grito de ave noturna, se me cortarem. Mas vão pura e livre depois, no estaque.

O cavalo-de-ferro continua cortando meu sono, minhas entranhas. Ele aparece quando o sol se esconde, as pessoas também não prestam atenção nos va-

gões. Eles, que são mais que os peixes que habitavam o Iatu, vão para outras terras, distantes. Um deles só eu aceito. Um vagão não fará diferença, os estrangeiros nem notarão. Mas deixem-na do outro lado do Iatu. Com sementes, ferramentas e mudas. Não atravessem o Rio. Ele é sagrado. Joguem a ração, o farelo, as coisas que não puderam fugir com meu povo. Joguem-nas à noite, quando o barulho do cavalo-de-ferro mais parece um pesadelo. E não me fotografem ao amanhecer, quando eu estiver catando as migalhas.

Deixem-me frequentar os bares e os butecos dos brancos. Perder-me na sua água ardente. Ser um cão sem dono, cusparada de cara-pálida na porta das vendas. Deixem-me baforar a própria dor. Fumar esse seu cigarro. Já sou viúva mesmo, amarela, ansiosa. Mas, não se esqueçam. Eu sou sua filha. Sou sua pátria, sua irmã. O pôr-de-sol que vocês não conseguiram nunca impedir. É mais vermelho ainda, quando o céu está triste, parece uma cortina de ferro, ambulante.

Sou uma índia Krenak. Sou todos os peixes que ainda voltarão a ser muitos, no Iatu. O vento que pega os anapitês de surpresa, alisando-os como o pente que te penteia, agora, a alma. A garça branca que seus olhos já percebem, o prazer se esvai, a pontaria também, a alvura fica. Como a nossa história, a te perturbar. A te remoer os sentimentos mais esquecidos. Simples e naturais, como já fomos um dia. Deixem-me aqui!”



Reinaldo: 12 mil pessoas atenderam ao seu pedido